

Mateus Romanini	FICHA DE LEITURA	24/04/2017
Bibliografia Completa	MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; MAGALHÃES, Giselle Modé. Reflexões Sobre Avaliação na Perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica. XII Jornada do HISTEDBR, 2014. pp. 1310 – 1324. ISSN: 2177-8892.	
Assunto do artigo	O artigo discute a avaliação dos estudantes de forma mais ampla, levando em consideração não somente os conteúdos, mas também o estudante sob uma perspectiva mais integral, levando em consideração fatores que vão além do conteúdo. Além disso, o artigo apresenta uma crítica à forma como as avaliações vem sendo utilizadas, pois não servem para verificar a aprendizagem.	
Ideia Central do artigo	Professores tem tentado preparar os estudantes com treinos para alcançar desempenho satisfatório em provas que medem o desempenho dos estudantes. Isso faz com que os professores utilizem os instrumentos de avaliação como a finalidade das práticas pedagógicas em detrimento do processo de ensino-aprendizagem, o que é prejudicial aos estudantes e contraria as orientações construtivistas dos documentos oficiais.	
Ideias Secundárias do artigo	<ol style="list-style-type: none"> 1. A utilização equivocada de avaliações para a “mensuração” do estudante pode contribuir com a manutenção de desigualdades no seio da escola, bem como para a perpetuação de preconceitos sociais. 2. A preocupação com a formação humana integral deve ir além da aprendizagem dos conteúdos levando em consideração fatores como a convivência e a participação nas atividades escolares. Problema: como estabelecer uma “escala” para “mensurar” esses fatores? Por um lado, “Comportamento” não é componente curricular, por outro, atribuímos valores aos estudantes que nem sempre condizem com o que de fato ocorre. 3. Avaliar o “comportamento” do estudante muitas vezes, como sugere o caso citado na p. 1312, não possibilita avaliar o que ele sabe. Reconhecimento do conhecimento do estudante nem sempre é possível mediante avaliação do seu comportamento nas atividades escolares. Desatenção e falta de participação, por vezes, podem significar que um estudante tem facilidade com o conteúdo e a aula se torna desinteressante. 4. As provas oficiais que “medem” os índices de aprendizagem não são um retrato fiel do ensino-aprendizagem nas escolas, pois as mesmas preparam seus estudantes especificamente para esses testes visando alcançar melhores resultados. Tendo em vista a queda nos índices apresentada na p. 1314, esse “preparo” não vem surtindo muito efeito. 5. Crítica à ideia de avaliar os estudantes tendo como parâmetro habilidades e competências. As autoras sugerem que sejam estabelecidos objetivos como indicadores do processo de aprendizagem do estudante em vez da utilização de Habilidades e competências. 6. Embora devamos nos preocupar em trabalhar o conhecimento de forma inter/transdisciplinar, faz-se necessário atribuir importância a todas as áreas de conhecimento e suas especificidades se há uma preocupação com a formação integral dos estudantes. Todos os conteúdos devem possuir avaliação (p. 1318). 7. Questões de ordem operacional/práticas tornam bastante difíceis ou até mesmo impossibilitam a execução de determinadas práticas avaliativas. Por exemplo, a emissão de pareceres individuais pode vir a se 	

	<p>tornar um empecilho para o trabalho do professor dependendo do número de turmas nas quais ele leciona (pp. 1318 – 1319).</p> <p>8. A avaliação de aprendizagem deve levar em consideração pelo menos quatro fatores: o conteúdo (o que é ensinado); os estudantes (para quem se ensina); o objetivo (para que se ensina); e os recursos (como se ensina). (p. 1320). A avaliação, que não se dá por meio da utilização de um único instrumento, é a verificação da aprendizagem a partir desses quatro fatores (p. 1321).</p> <p>9. A avaliação possibilita que planejemos nossas ações conforme os resultados obtidos: em alcançando resultados positivos, podemos potencializar o que está sendo ensinado ou então, em casos mais negativos, buscar estratégias que pareçam mais adequadas para o processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, a avaliação é um meio e não uma finalidade!</p> <p>10. Avaliação é uma ferramenta, um meio para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem e não uma ferramenta de fiscalização e repressão nem mesmo o fim último do processo.</p>
<p>Conceitos Importantes</p>	<p>Construtivismo: segundo essa concepção, a avaliação deve tomar o estudante por suas possibilidades de desenvolvimento e não por aquilo que o professor deseja que ele aprenda.</p> <p>Avaliação diagnóstica: entrevista individual feita pelo professor de modo a possibilitar a identificação da hipótese de escrita do estudante que serve para orientar a intervenção do professor. (ver pp. 1315 – 1316).</p> <p>Habilidades e competências: são qualidades que os estudantes deverão adquirir ao término do processo de ensino-aprendizagem.</p> <p>Objetivos: estabelecem a finalidade pela qual determinadas coisas devem ser ensinadas e aprendidas.</p> <p>Pedagogia histórico-crítica: devemos transmitir aos estudantes aquilo que eles não podem ou não conseguem aprender sozinhos promovendo assim o desenvolvimento de suas potencialidades.</p> <p>Desenvolvimento efetivo: é o desenvolvimento alcançado de fato pelo estudante, “mensurado” pelas avaliações.</p> <p>Zona de Desenvolvimento iminente: é o desenvolvimento aproximado que atribuímos como sendo possível ao estudante alcançar. Para atribuímos tal possibilidade de desenvolvimento, torna-se necessário que tenhamos conhecimento sobre desenvolvimento humano. Ambos os tipos de desenvolvimentos nos ajudam a compreender</p>
<p>Citações Importantes</p>	<p>“[...] valor da avaliação está no fato de que o(a) educando(a) pode tomar conhecimento de seus avanços e de suas dificuldades, tomar consciência de seu processo, o valorizar e respeitar seus limites e suas possibilidades” (p. 1310).</p> <p>“[...] avaliamos indiretamente, observando os alunos por meio de suas atitudes em situações diversas e incluímos nossas conclusões na ‘avaliação processual’. Nela descrevemos nossos alunos e lá estão os valores e não só os conteúdos” (p. 1312).</p> <p>“[...] podemos afirmar que a avaliação é sempre um juízo de valor. Por isso os ‘valores’ devem estar claros: o que valoramos? Comportamentos? Obediência? Conteúdos? Vale ressaltar que, no caso de conteúdos, é necessário ainda questionar: qual o objeto da minha avaliação? A cotidianidade, pragmatismo ou conhecimentos clássicos, instrumentos de raciocínio?” (p. 1313).</p>

	<p>“[...] o Ideb, como muitos outros dados apresentados pelo governo federal para a educação, é apenas uma maquiagem, pois os alunos continuam saindo do 5º ano sem saber ler e escrever direito e sem executar, na prática, as noções básicas das quatro operações matemáticas” (p. 1315).</p> <p>“[...] o uso institucional desse tipo de instrumento [Avaliação Diagnóstica], no entanto, tem se mostrado extremamente perigoso [...]. Vamos começar pelo problema de ordem técnica. Esse não é um instrumento que se possa utilizar em massa. Para obter informações minimamente confiáveis, é necessário que a entrevista seja realizada individualmente, por profissional com formação adequada. Se, como tem sido feito, a lista é ditada para a classe toda e o professor tenta adivinhar o que a criança pensou ao escrever apenas a partir do que está escrito no papel, pode-se afirmar que a maioria dessas interpretações corresponde a invenções, sem qualquer valor diagnóstico” (p. 1316).</p> <p>“[...] o professor tem relevante função, pois ele será o responsável pelo planejamento de ensino, organizando os conhecimentos clássicos fundamentais a serem garantidos pela escola para a humanização dos indivíduos; ele vai elaborar os meios mais adequados à apropriação da cultura; é o educador que terá condições de avaliar o que o aluno atingiu dos objetivos planejados e quais as correções de curso que precisam ser estabelecidas para que a aprendizagem de efetive” (p. 1320).</p> <p>“Em relação ao conteúdo, ele determina o ponto de partida da prática pedagógica relacionando-se à prática social [...]. Também está vinculado à problematização, isto é, por que é relevante ensinar esse conteúdo? Sendo função da educação escolar qualificar os instrumentos psicológicos do sujeito, é preciso analisar em que os conteúdos estão contribuindo para a elevação das funções psicológicas” (p. 1320).</p> <p>“Já o objetivo é orientado pelo ‘para que ensinar algo’. O que vamos ensinar serve ao aluno? Mas entender o aluno, reiteremos, não é suprir suas necessidades imediatas, mas sim, lhe propiciar ascender do concreto ao abstrato e retornar ‘ao concreto pensado’ – compreender as múltiplas determinações de um fenômeno. O objetivo esclarece quais são os instrumentos psicológicos que precisam ser desenvolvidos, por isso refere-se à instrumentalização, tendo em vista o conteúdo, os alunos e as condições para o ensino” (p. 1321).</p> <p>“A avaliação é, sem dúvida, um momento significativo dos processos de ensino e aprendizagem, uma vez que, a princípio, dela advêm os elementos que instruem a continuidade desses processos: a segurança para avançar na discussão de novos conhecimentos, de cuja compreensão depende o desenvolvimento de capacidades mais complexas de pensamento; ou, ao contrário, a constatação da necessidade de retomar conceitos, relações, enfim, o conteúdo estudado ou parte dele, haja vista as dificuldades detectadas. A avaliação é, pois o parâmetro que orienta o constante ir-e-vir imprescindível ao ensino realizado numa continuidade histórica e à aprendizagem de conteúdos que fazem sentido aos estudantes” (p. 1322).</p>
--	---